

Balanço de um ensino básico no serviço social da indústria - parte II

Giu

O problema está na instituição, seja estatal ou privada, mas o sistema oferece brechas e quem faz a sala são as pessoas dentro dela. Eu sentia que tinha muita coisa errada, queria estar ali para tentar mudar algo e sabia que aqueles docentes instigariam essa atitude. Foi uma boa escolha, pois as mudanças comportamentais já não estavam mais tão sutis assim: eu começava a fazer barulho. (trecho final da parte I, disponível no nº 2 da *Revista da Biblioteca Terra Livre* através do endereço <http://revistabtl.noblogs.org/files/2014/06/Giu-Balan%C3%A7o.pdf>)

1º ano do Ensino Médio – 2012

Na primeira semana de aula, o professor de História falou sobre atualidades: Pinheirinho; o professor de Geografia falou do Grêmio Estudantil; o de Filosofia, sobre senso crítico e ‘vaca feliz’ e; a de Biologia, sobre as intenções dela (e as nossas expectativas) com o curso. A abordagem parecia ser bem diferente daquela do ensino fundamental, e que, se não podia se aplicar a todas as 13 disciplinas, pelo menos se aplicava no geral, mesmo que de forma sutil. Enfim parecia que ia acontecer a ‘educação séria’. Esse ano seria para mim o ano do Grêmio Estudantil, do PETAR e da Odisseia.

O pessoal do 2º ano passou nas salas para conhecer e dar boas-vindas aos 1ºs,

informando sobre a associação de alunos, horizontal e aberta, que podíamos e devíamos sustentar com a nossa ativa participação. O Grêmio Coletivo foi fundado em 2010 já sem cargos hierárquicos – e esse foi o máximo de histórico de organização estudantil da escola ao qual tive acesso ou que busquei. As reuniões, que qualquer um podia chamar, geralmente eram às sextas-feiras à noite, pois estudávamos à tarde e grande parte fazia ensino técnico integrado de manhã. Uma associação estudantil não precisa pedir permissão para a coordenação para se reunir, mas tínhamos que avisar – isto é, pedir – com dois dias de antecedência se quiséssemos ter uma sala reservada e para que pudéssemos passar avisando no horário de aula das turmas.

As primeiras reuniões foram para revisão do estatuto, o que implicou nas discussões sobre o registro legal do grêmio. Registro este com o qual teríamos que despender tempo e dinheiro, além de verticalizar o órgão. Algumas pessoas sugeriram eleição de chapas, pois sentiam que havia um monopólio e uma falta de legitimidade nas decisões, já que as reuniões sempre tinham apenas alguns gatos pingados. A maior reunião que tivemos, sala lotada (50 alunos) em fevereiro, foi sobre essa polêmica discussão. Tiramos que não restringiríamos a participação por meio de um sistema de chapas e que as

pessoas deveriam buscar serem mais ativas, até que conseguimos entrar em acordo sobre o estatuto – mesmo que mais para frente fôssemos sofrer o não reconhecimento perante a direção por não sermos hierárquicos e, portanto, legais, mas nós simplesmente declaramos que éramos uma associação estudantil com o nome de Grêmio e até criamos siglas para resultar em tal palavra, pois de fato já estava no nosso imaginário e não desistiríamos dessa terminação, sempre dando as desculpas mais cabíveis para a direção. Afinal, como diz uma atual professora minha, estudante tem que ‘encher o saco’, pois é a quem cabe a movimentação das estruturas.

Depois disso, nos ocupamos em: organizar o jornal ‘A Voz do Estudante’, que durou um par de números; fazer um cineclube aos sábados de manhã, o qual era tocado pelos professores de Geografia e História e onde foram exibidos filmes como ‘Os incompreendidos’, algum do Buñuel, Mont Python, escrevendo uma resenha ou outra conjuntamente e fixando no mural da escola – uma semana antes fazíamos oficinas de cartazes e poluíamos visualmente a entrada, mas as pessoas se acostumaram a ignorar. Também nos ocupamos em conversar com a nutricionista sobre reivindicações referentes ao almoço e formamos comissões para tudo isso. Eu poderia me debruçar so-

bre cada tópico, mas continuemos para o destaque, que veio a ser inclusive a causa do meu desgaste com a associação: o Festival de Música e Esporte.

Realmente não tinha um nome original, mas a ideia era propiciar na escola um tempo em que pudéssemos nos divertir e aprender fora da sala de aula, entendendo a aprendizagem como um processo não só teórico, mas imbricado também de aspectos artísticos e desportivos. Qualquer semelhança com Bakunin, Ferrer ou os grupos de estudos que eu estava frequentando na Biblioteca, é mera coincidência. Assim, em maio, realizamos um campeonato de futebol, exibição de filmes, debate sobre as olimpíadas de 2016 com os atletas do vôlei, apresentações musicais, etc. Para se inscrever, as pessoas tinham que doar 1kg de alimento não perecível que foram revertidos para o Lar Zulmira, uma instituição que cuida de jovens em situação vulnerável.

De fato, nessa minha unidade, não tínhamos um ensino ultraconservador. Nossos professores tinham idades e metodologias variadas, inclusive desenvolviam projetos interdisciplinares para fomentar a aprendizagem para além teoria. Porém, diferentemente dessas atividades, o Festival foi organizado pelos alunos através do Grêmio, sendo uma iniciativa da categoria estudantil. Tivemos que ceder às pressões da coordenação e do Centro Cultural

da unidade em vários pontos, a exemplo da duração do festival: nós queríamos que durasse um dia inteiro e a direção queria que houvesse aulas para estimular os alunos a não faltarem. É lógico que o ceder ia para além do Festival, pois nós já nem participávamos do processo de construção da nossa própria educação, mas naquela pequena escala foi uma boa mobilização.

Um desses projetos interdisciplinares, por exemplo, era o Teatro, realizado pelos professores de Português e de Artes. No 1º ano, nós estávamos estudando em Literatura desde o Trovadorismo até o Barroco e os textos que tivemos que adaptar e apresentar estes textos clássicos. O meu grupo, metade da sala, foi sorteado para trabalhar com 'A Odisseia'. O problema era que não havia um roteiro adaptado e a professora nos orientou a ler o livro e fazer o roteiro. Esta era a primeira etapa da avaliação. Com 14, 15 anos, não tinha gente muito interessada em ler 'A Odisseia', principalmente os meninos. Eu, nerd que era, aceitei a missão e li. Achei muito chato e, depois de tentar conversar com a professora, combinamos que podíamos seguir o roteiro de um filme para ser mais fácil, mas, do mesmo jeito, fiquei sobrecarregada com a redação do roteiro – junto com outras duas meninas, mostrando um processo nada coletivo do grupo de 15 pessoas. Caberia aqui uma problematização dos

papéis de gênero atribuídos às crianças e jovens na vida escolar? – Enfim, passei as férias inteiras lendo e editando o livro gigante, os ensaios sempre estressantes e a gente não podendo adaptar nada, tendo que inclusive focar num caráter trágico, reprimindo o cômico que surgia tão mais naturalmente.

Aqui se vê todas as limitações de um projeto interdisciplinar artístico, que visa entender a educação como além do teórico, mas que em nada foge do padrão. Não construíamos juntos, nem dentro dos grupos enquanto alunos e nem na elaboração do projeto enquanto alunos e professores. Qual o cúmulo de apresentar uma linguagem específica tão elaborada de tal forma a pedir perfeição em atuação, vocalização que atores passam anos treinando, fidelidade completa a um texto que em nenhum grau buscamos por identificação ou curiosidade própria? Para mim era clara a contraposição que representávamos quando propomos fazer o festival. Era uma atividade que nós mesmos buscamos, e não uma necessidade que disseram que a gente tinha e ainda nos colocaram num caminho para saciá-la, ‘a fim de nos dar uma bagagem cultural mais ampla e melhorar nossa formação enquanto cidadãos’ e etc...

Entendo que para mim hoje, desde sempre admiradora do Teatro, ter conhecido “A Odisséia” preencheu uma lacuna, mas meus colegas, como reagi-

ram a isso? Será que conseguiram desfrutar desta prática teatral, da complexidade de um texto grego. Será que eles não podiam improvisar mais, aproveitar sua criatividade genial quando errávamos no ensaio e aparecia uma brincadeira que faria todo o público rir? O teatro era aquilo? O teatro era “A Odisséia”? Na mostra anual de teatro da escola, houve apresentações de outras peças menos formais e nós invejávamos os 3ºs anos porque as peças deles eram referentes ao modernismo e eram muito mais desprendidas de formalidades. Isso não é uma defesa do modernismo, mas com o que tínhamos ali, se era o que estava dentro do currículo, não podíamos muito bem inverter as coisas e ir gradativamente amadurecendo teatralmente para chegarmos no último ano e apresentarmos uma tragédia grega, como as professoras queriam?

Também não pretendo demonizar essas figuras, afinal somos todos produtos da nossa sociedade (tão tortos quanto ela), mas com o grêmio provamos um pouco que a desconstrução é possível e que se podem aproveitar brechas e professores simpáticos a nossas ideias para tencionar no espaço onde estamos, o que é tão importante quanto construir novos espaços.

No segundo semestre, fizemos a revisão do estatuto, acordada para todo mês de agosto. Conversamos com o co-

ordenador geral de educação da nossa unidade, organizamos o show de talentos e eu ainda estava interessada em colocar os alunos para participarem mais dos planos de aula. Sugeri que começássemos a reivindicar um conselho de classe participativo, onde os alunos também tivessem espaço, acesso, voz e pudessem opinar sobre a metodologia de seus professores. Talvez essa demanda tenha resultado na representação por salas que a coordenação resolveu criar: assim, rápido, entrou nas salas, falou que estavam acontecendo as eleições e elegemos os candidatos, natural(izada)mente. Mas isso foi no ano seguinte e antes disso então eu tencionava para que o temido conselho de classe, onde os professores decidiam as divergências de nota com relação a cada aluno, se convertesse num espaço de diálogo para os alunos também criticarem os professores. No começo, a ideia foi recebida muito bem pelos alunos, como uma espécie de vingança, mas tentei primar pelo caráter construtivo que devia haver naquela reunião. De novo, não foi para frente naquele ano, mas o seria de alguma forma distorcida no ano seguinte.

Com essa tentativa falha e a mobilização para organizar eventos, senti um esvaziamento de sentido, parecia que o festival era só para perder aula e não havia muita preocupação com qualquer tipo de aprendizagem que fosse.

Vejo esse desinteresse como resultado da nossa vivência chata na escola – às vezes traumática. Não havia nenhuma outra perspectiva nas reuniões que não organizar esses eventos e nossos recados nas salas já eram recebidos com descontentamento, com exceção de quando nos colocávamos enquanto promotores de evento, implicando em perda de aula, e prestando serviços, de modo que também éramos cobrados se algo saía mal ou atrasava. Continuei indo às reuniões e se não estávamos tão organizados enquanto categoria, pelo menos detectávamos necessidades e as registrávamos em atas.

Mais um grande acontecimento daquele ano foram os estudos de meio, no caso dos 1ºs anos, para o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, o PETAR. A “dupla dinâmica” de professores (de História e Geografia) tinha também um projeto interdisciplinar de saída à campo de alguns dias para os alunos do ensino médio, pois consideravam que a educação não se dava só na sala de aula e que ir até os lugares sobre os quais se falava era de extrema importância para assimilar o conhecimento. No fim, fazíamos um trabalho grande e um pouco diferenciado dos seminários, por exemplo. Fazíamos as viagens com uma empresa relativamente barata e mesmo sem receber extra, a dupla encarava porque acreditava na importância daquilo. Muitos dos

alunos conseguiam ser bancados pela família e pagar o valor, eu inclusa nesse grupo, mas sempre havia aqueles que não iam ou porque os pais não deixavam ou porque não tinham dinheiro.

Surgiu a ideia de arrecadarmos dinheiro para os alunos que não podiam custear a viagem. Pensamos que isso poderia ser feito através do grêmio, administrando as barracas de doce e de brincadeiras da festa junina da escola. De antemão, já sabíamos que a arrecadação, com o pouco tempo que tínhamos, não seria o suficiente para ajudar centenas de alunos. Essa tinha sido uma preocupação desde o começo do ano: começamos a vender pipoca no intervalo e juntamos 70 reais até sermos proibidos pela coordenação. Pensou-se em reduzir o número de beneficiados considerando alguns critérios e aí começou uma argumentação sem fim: a viagem do 1º ano era a mais importante, pois os novatos se sentiriam integrados nesse novo ambiente do Ensino Médio, cheio de liberdades e responsabilidades, além de que era mais difícil parcelar em muitas vezes a primeira viagem; a do 2º, que seria para as cidades históricas de Minas Gerais era a mais cara; e a do 3º, para Cananéia, Ilha do Cardoso, era mais ou menos o mesmo preço da do 1º, mas eles ainda tinham que arcar com a colação de grau e com a viagem de formatura. Mesmo que seguissemos tal e tal crité-

rio, se dividíssemos o que previámos arrecadar, não conseguiríamos levar quase ninguém. Depois que passou o festival e novamente a viagem se pôs como prioridade, já não havia tempo para os 1ºs nem para os 2ºs, então os 3ºs se mobilizaram na festa junina e montaram várias barracas, conseguindo bastante dinheiro, mas que não sei como ou para quem foi distribuído.

Voltando para a viagem em si, realmente foram três dias maravilhosos e de muitas boas lembranças: visitamos o Quilombo do Ivaporunduva e o parque PETAR, com suas cavernas, rios e trilhas. Foi uma aprendizagem em vários sentidos, desde percebermos a importância das comunidades tradicionais e entrarmos em contato com elas, até entendermos uma química mais palpável ao estudarmos as reações de formação de rocha calcária em uma caverna. Registramos a experiência cada qual em seu diário de bordo, tiramos fotos, redigimos um dossiê, desenhamos um geoestenograma da ida de ônibus e guardamos tudo na memória. A prática foi muito pedagógica e pude ver as ideias do Kropotkin aplicadas.

Outra coisa bem bacana que fizemos foi um debate sobre as eleições com um companheiro da Biblioteca. Foi uma pressão danada sobre mim por parte da direção porque ‘não podia fazer propaganda eleitoral de qualquer cunho dentro da instituição’. A balela

era tanta que a gente teve que seguir o circo e legitimar a fala do companheiro por meio de sua formação acadêmica em ciências políticas. De todo modo, a coordenação permitiu e a atividade vingou no fim do semestre com a participação de umas 30 pessoas, gerando, inclusive, umas discussões posteriores. Aconteceram muitas coisas no ano de 2012 além do que relatei acima, mas, em resumo o que eu via era o serviço social da indústria queria crescer a todo custo com uma infraestrutura e uma qualidade muito 'subjetivas', quer dizer, específicas para o interesse da instituição de formar mão de obra para o setor. Na última reunião de pais, foi comunicado que teríamos que comprar as apostilas da instituição, que estavam sendo testadas em aula e revisadas por professores há alguns meses. Assim, o ano de 2013 seria o ano das apostilas, das cabulações e, claro, daquele junho marcante.

2º ano do Ensino Médio – 2013

Alguns dos poucos que cumpriram ativamente o grêmio se formaram e saíram da escola, deixando um vazio na nossa atuação. Ainda não entendíamos que a rotatividade de pessoas que é própria da organização estudantil, ou seja, logo, aparecerem novos alunos, os do atual 1º ano, mas, como eles tinham menos autonomia peran-

te aos pais, o número de participantes ativos foi reduzindo. Ao longo do ano foram magicamente surgindo de cima algumas medidas que pareciam privilégios presenteados, mas bastava uma análise mais profunda para entender o peso de nossas cutucadas, e isso ainda porque não conseguíamos nos articular com outras unidades da rede, aos quais, provavelmente, também contavam com mobilização de seus estudantes. Tentamos ainda revisar as normas escolares, mas as sugestões, em geral, não foram aceitas pela direção e as poucas que foram simplesmente não se cumpriam, caíram no esquecimento logo depois.

Ao ingressarmos no segundo ano, tínhamos a possibilidade de, no contraturno, usufruir do serviço nacional de aprendizagem industrial, um espaço onde se reafirmava o objetivo da instituição. Eu optei pelo curso de Eletroeletrônica e foi um dos cursos que não tiveram seleção por causa da baixa demanda. Mas como estava cansada de burocracias disfarçadas de conhecimento que apenas serviam ao discurso da meritocracia e da mobilidade socioeconômica, então voltei atrás na escolha e não me matriculei. Com a minha nova turma, fiquei muito estressada e não queria empenhar minhas energias naquele ambiente, preferindo fazer cursos extracurriculares e atividades do coletivo anarquista. No entanto, a

maioria da minha turma fez a opção contrária à minha e agora eram meus colegas de 2º ano que não tinham tempo para as reuniões do grêmio e, desde o fim do ano anterior, estava preocupada e queria articular uma resposta à adoção dos livros didáticos da instituição.

Na primeira semana de semana de aula, o recado sobre as apostilas era dado nas salas. Em resposta, escrevi inflamada, um texto e o repassei. Lendo-o após alguns anos, percebo a minha coerência: na época já defendia em algo que muitos acreditam ser impossível, a organização coletiva.

“Posiciono-me contra esta compra por três motivos:

1 - o serviço nacional da indústria está impondo a obtenção do material de acompanhamento e complemento (nos lembrando a todo o momento de sua obrigatoriedade) e, ainda por cima, cobrando por ele, mesmo que relativamente barato, mostrando uma preocupação desesperada com a formação de seus futuros empregados na indústria;

2 - não é oferecido nenhum tempo de adaptação, sendo imposta a compra para os 2ºs e 3ºs anos, uma vez que já tínhamos livros e, em muitos casos, volumes únicos;

3 - a escolha das apostilas não foi feita com os alunos, nem com os professores (embora analisados por alguns destes),

sugerindo uma monopolização na forma em que vamos aprender;

4 - nem o processo de compra é democratizado, sendo obrigatório obter o pacote de livros de todas as matérias para todos os anos, não respeitando a necessidade e os métodos de cada aula e/ou professor.

Assim, é ignorada completamente nossa condição de estudantes do Ensino Médio com capacidade para entender algumas coisas e contestá-las.

Como primeira proposta, digo que não compremos esses livros e passemos adiante a indignação, conversando inclusive com nossos pais. É muito possível combinar com os professores o conteúdo, procurar na internet, conversar, buscar o autodidatismo.

Entretanto, alguns de nós podem não ter, por várias razões, como realizar isso – inclusive os primeiros anos podem inicialmente não ver por que apoiar este boicote, já que as apostilas serão muito mais baratas do que qualquer outro material didático completo, mas elas são apenas um complemento e o principal motivo de tudo isso é a imposição e o desrespeito à nossa opinião.

Então, caso a primeira e ideal medida não surte efeito, foi sugerido comprar um pacote por meio de uma arrecadação e escaneá-lo, mandando para os alunos via e-mail. Não concordo muito com isso, mas seguirei o que o nosso consenso disser. Uma última medida,

ouvindo alguns colegas, é fazer um abaixo-assinado, mesmo que eu não ache essa opção muito efetiva, mas ainda um bom meio de divulgação da ideia.

Quem quiser se organizar, e saiba que pode, é só acreditar que podemos ter responsabilidade e totalmente arcar com as consequências dos nossos atos. Deixo claro que não incentivo nenhum tipo de ação violenta, pelo contrário, uma ação direta racional. Não digo que a escola seja ditadora – tomando como a instituição todas as autoridades que a compõem –, isso é apenas uma resposta e um incentivo à ação coletiva. Toda ação tem uma reação e nossa escola com certeza deveria esperar isso, porque estamos conversando, pensando e reagindo.”

Houve algumas reuniões de pais para discutir esta questão, mas nós, alunos, fomos proibidos de participar, para não dizer que fomos expulsos. Convenci minha mãe a não comprar os livros (nem fazer malabarismo financeiro para atingir tal objetivo), mas depois de cada reunião ela voltava com a opinião contrária, possivelmente preocupada com a minha educação e sentindo que eu ia ficar em desvantagem. No final, as apostilas foram implementadas e ela as comprou em parcelas. Sem moral frente aos colegas, eu teria um melhor argumento com o passar do ano: os livros eram muito pouco usa-

dos no geral e, o que víamos, em textos de História ou Sociologia, era uma visão bem deturpada e doutrinária do mundo, principalmente, quando discutimos trabalho e ideologias na guerra fria. No momento, não tenho esse material em mãos, assim não posso parafraseá-lo para ilustrar os absurdos que ele continha. Além disso, tanto a revisão dos textos quanto a diagramação do material era péssima.

Para completar o meu semestre de amargura e mau-humor, veio a gincana da última semana de aula. Os professores sabiam que nesses dias acontecia um esvaziamento da escola e decidiram pensar em atividades mais atrativas e lúdicas para que os alunos comparessem às aulas. Ótimo, maravilhoso, mas para a Giu mal-humorada – e a fama dessa figura procede – era só mais um exemplo de como medidas vindas de cima sem participação da base não funcionam. E ainda nem sabia que estas atividades valeriam nota. Tudo valia nota! E por mais divertidos que fossem os projetos, sabia que eu só conseguia relacioná-los àquela vaca, do primeiro ano: a que comia pasto e bebia água, logo era feliz... A gincana acontecia em três dias e eu fui em um ou dois, para sair com a nota média. Depois, parece que tive que fazer alguns trabalhos extras, mas não me afetou em nada.

Um escape momentâneo do estresse cotidiano da escola foi o estudo

de meio daquele ano. Não fomos para as cidades históricas de Minas Gerais; não se alcançou o número mínimo de alunos tanto devido ao alto valor da viagem quanto ao desinteresse dos discentes. Assim, os professores buscaram uma viagem mais barata, fazendo uma consulta prévia quanto ao interesse e a possibilidade de pagamento. Ao fim, decidiu-se por irmos à cidade de Bana-nal para conhecer a rota do café e das cidades mortas, passando por três dias de visita às fazendas históricas.

Ao retornar das férias de inverno, fiquei bem menos estressada. Por quê? Agora estava me relacionando com uma pessoa, o que me levava a sair das aulas e, foi justamente essa nova possibilidade que motivou meu bom-humor. Até 2012 tremaria diante da possibilidade de cabular aula, era bem nerd mesmo e ficaria nervosa, me sentindo culpada. Em 2013 estava mais segura, sabendo os meus motivos e embasan-do minhas ações. Em muitas das aulas que eu saía, apesar respeitava muito o professor, conseguia discernir o que me seria útil ou não. Assim, trocava a ida a algumas aulas por saídas para o clube, a casa, à biblioteca ou para alguma mostra de filmes no centro da cidade. E minha mãe até mandava e-mails me liberando.

Até que um dia perdi uma prova de inglês. Eu ia muito bem em inglês, adorava minha professora, mas estava

com um problema no relacionamen-to. Qual adolescente não priorizaria a urgência amorosa? A inspetora nos encontrou e fomos para a direção, num daqueles papos demorados sobre como estávamos indo pelo caminho errado e a coordenadora só queria o nosso bem, porque, veja lá, ela passou pelas mesmas coisas e cometeu os mesmos erros e agora podia aconselhar: ‘não repitam minhas inconseqüências’. Depois de avisada, minha mãe achava que eu estava indo rápido demais com a imer-são na biblioteca e no namorico, frente a minha prioridade que devia ser estudar. Em contraposição, eu compartilhava com ela minha aprendizagem sobre geografia e história anarquista, educação libertária, movimento operário brasileiro e práticas de convivência horizontais. Então, basicamente, depois da falácia da amizade na sala da coordenação, eu comecei a sair mais cedo da aula, pedindo para minha mãe me liberar com os e-mails, ou ficava na biblioteca da escola estudando quando o próprio espaço da sala não propicia-va isso – e inclusive saíamos em pequenos grupos.

Os protestos para barrar o aumen-to de 20 centavos na tarifa do transpor-te público também começaram a ser causa de ausência. Argumentávamos que o transporte é um direito e não precisávamos pagar por ele se não hou-vesse tanto lucro para as empresas pri-

vadas. E como a lógica do transporte era que houvesse menos carro rodando com mais gente girando a catraca para que o saldo fosse maior no final, implicando em sermos transportados como sardinha enlatada. Nessa época, o grêmio ainda não estava oficialmente parado – e nos documentos que eu andei revisitando tem um chamado da poligremia de 2012 para uma atividade sobre transporte e mercadoria com o MPL, mostrando o peso do trabalho de base que estava sendo feito –, então passamos nas salas para chamar o pessoal para a manifestação, mas sem perguntar para a direção, pois ela não estava presente e o ato seria no dia seguinte, de modo que depois tivemos que prestar contas e levar bronca. Apesar das justificativas absurdas, que em resumo eram “o quanto não podíamos nos organizar politicamente na escola, pois pais reclamariam”, fizemos nossos comboios de vermelho e preto e barramos os 20 centavos, com todas as possíveis leituras e ressalvas que hoje podemos vir a ter. Inclusive eu e um grupo de amigas fizemos um trabalho para Sociologia com um relato e uma análise libertária do que foi esse mês.

Foi muito bom voltar com aquela moral toda no segundo semestre, podendo realizar o festival tranquilamente e inclusive tivemos orientações musicais com os solícitos funcionários do Centro Cultural. Como contraponto,

ainda veio a produção teatral para Português e Artes. Eu e um amigo escolhemos trabalhar com ‘Os Crimes da Rua Morgue’ – cujo autor, Edgar Allan Poe, havíamos conhecido na oitava série e gostado muito. Como ele fazia parte do ultrarromantismo, se encaixava nas escolas literárias estudadas pelo 2º ano, assim convencemos a professora a nos deixar apresentá-la. Apesar disso, o processo cansativo e não coletivo do 1º apenas se repetiu. Junto a isso presenciávamos a instauração do projeto “Teatro Musical”, baseado em um eixo de mostras no teatro da Avenida Paulista e em um de educação através de oficinas de iniciação gratuitas e abertas à comunidade nas unidades da instituição. Aprendi muitas técnicas corporais, vi coisas muito interessantes para o trabalho do ator, mas a arte ali era comercial, voltada para o mercado, e passou a ocupar a escola e ganhar prioridade em reserva de salas, uso do anfiteatro e tempo de trabalho dos técnicos. Via-se claramente o desnível de prestígio em relação ao curso de iniciação teatral, igualmente ofertado pelo serviço, mas com caráter bem mais voltado para a coletividade e a cooperação por conta da pessoa específica que ministrava as aulas, totalmente disposta a desistir de sua posição hierárquica e dando muita voz aos alunos.

Além desse pilar na propaganda institucional de incentivo à cultura e ao

lazer, havia a oferta de acesso a inovações tecnológicas. No 1º ano eu já havia participado de um projeto de robótica, além de já ter a bagagem de um projeto de curtas, e em 2013 eu estava participando do curso móvel de nanotecnologia. O serviço queria começar um curso técnico de aprendizagem industrial em nanotecnologia e estava coletando interessados e alunos que tivessem bom rendimento. Possuíam máquinas que só existiam em pouca quantidade no Brasil, justamente porque a instituição se adiantara em adquiri-las, trazendo inovações nas áreas de pesquisa em nanotecnologia, as quais eram aplicáveis aos mais variados ramos industriais, incluindo saúde – sim!, a saúde é uma indústria, como reafirmou minha instituição. Por mais que, novamente, um conhecimento científico tenha me instigado muito, o trabalho de conclusão do curso era fazermos uma apresentação de slides que mostrasse um produto inovador a partir do que tínhamos conhecido, ou seja, dar ideias para a indústria e em troca ganharmos um certificado de bom aproveitamento das 20 horas.

Enquanto isso, os 3ºs faziam os trotes deles se fantasiando de acordo com temas, brigando e se fracionando. Não havia respeito e eu não sabia o que acontecia na casa dessas pessoas, mas sabia que a escola definitivamente não servia para civilizar ninguém e sim fe-

char a gente num cubículo por 5 horas e esperar que a gente se matasse, como num experimento sociológico: ‘quem seria o último a sobreviver?’ ou ‘quem seria o mais esperto?’. A escola só estava refletindo a sociedade altamente competitiva e desigual na qual vivíamos e que espelhávamos, perpetuávamos. Me dei conta no Ensino Médio e, talvez deva isso a uma paixonite, que na modernidade se revelou na vigilância ao perfil de rede social alheio, onde havia uma postagem sobre uma festa de comemoração de um ano de uma biblioteca terra livre, pertinho da minha casa.

3º ano do Ensino Médio – 2014

Finalmente! O ano pelo qual eu mais esperava, o que encerraria minha vida escolar (e não!, continuo não querendo voltar à ‘melhor época da vida’). Foi marcante pelas monografias, por Cananea e pelos boicotes, além de haver um especial espaço para um grupo de amigas que havia se consolidado ao meu redor, entre as quais existiam maior afinidade e afinidade política.

Por volta de março, os professores nos apresentaram um projeto interdisciplinar que nos guiaria ao longo dos próximos meses: as monografias. O processo foi o seguinte: Nós escolhíamos três temas e justificávamos cada escolha num texto curto, depois que

todos os alunos estavam mais ou menos distribuídos, pudemos escolher pessoas do mesmo eixo para formar grupos. O processo foi bem pensado, mas não nos era disponibilizado muito tempo de aula para desenvolvê-lo, sendo tudo jogado para extraclasse, assim como qualquer movimentação política dos alunos. Parece que tudo é assim na nossa sociedade, não é mesmo? As liberdades não são concedidas, temos que arrancar os direitos.

Diferentemente do ano anterior, eu estava mais disposta a tencionar na escola, apesar do sistema de representatividade entre os alunos estar em voga e só se resumir a espelhar e perpetuar. Às vezes, era cedida uma aula antes das reuniões, com uma periodicidade bimestral, para os alunos discutirem – bem assim, vago mesmo – e muitas vezes ficávamos só gastando tempo. Claro que não conseguiríamos chegar num consenso! De repente nossa organização era mudada, supostamente nos dando mais autonomia, e o que tínhamos era uma aula de 50 minutos para discutir todos os problemas que achávamos que tínhamos; como resultado só conseguimos brigar e apontar dedo na cara, postura tanto de professores quanto de alunos, ou seja, nada muito construtivo.

O centro cultural perdeu qualquer espaço, para o teatro musical, para o vôlei, para o polo aquático, para a fa-

culdade de pedagogia que estava sendo construída, e os funcionários viraram técnicos à mercê dessas atividades, sem mais poder desenvolver projetos próprios. Ainda assim repetimos o festival e chegamos também ao ano do modernismo em Língua Portuguesa, com o meu grupo montando ‘Vestido de Noiva’, do Nelson Rodrigues. Depois de três anos fazendo cenários, figurinos e produção nós mesmos, a gente desenvolve uma criatividade e uma proatividade que vêm a ajudar em projetos independentes posteriores à escola, além de ser ótimo ver tanta montagem e referência artística, mas já deixei claras minhas críticas à abordagem. A monografia, por exemplo, apesar de seu caráter tradicional, era sobre um tema que interessava ao próprio aluno e, no meu caso, com um professor orientador e colega de trabalho com os quais tinha muita afinidade. Também fomos os 3ºs anos para Cananeia, conhecendo o quilombo do Mandira e outro parque estadual como o PETAR, o da Ilha do Cardoso (PEIC), com direito a ostra e muito mangue.

Afinada que estava com as pautas anarquistas, me empolguei com uma oficina de autodefesa para mulheres, homossexuais e trans* na semana de solidariedade a presos políticos e anarquistas. Fiquei bem empolgada com a ideia e queria divulgar na escola, então pedi para a professora me deixar sair

e fui até a coordenação, onde uma autoridade me atendeu, expliquei tudo e mostrei o folheto, e depois de um silêncio hesitante, ela disse que por ela tudo bem, mas era melhor esperar sua superior. Voltei pra sala, esperei, voltei pra coordenação. Falando com a superior, mesmíssima conversa. Voltei, esperei, voltei. Falando com a terceira, ocorreu também a mesma conversa, mas eu estava sendo orientada a falar com a segunda, então disse que já havia falado com ela e que ela havia permitido. Assim, a última começou a argumentar que uma oficina daquela não cabia de ser divulgada nas salas, pois não entrava no contexto, “trans, lésbicas...”, não cabia. Sem justificativa e sem permissão, saí pela última vez da sala da autoridade. Inflamada e sem saber o que fazer, inconformada com o que haver recebido um ‘não’ que claramente era político, já que para organizar trotes que ‘uniriam a turma’ e reproduziriam impensadamente machismo e outros preconceitos, não havia restrição de ‘atrapalhar aula’, de aluna perder aula e não sei o quê. Para completar, na semana anterior eu havia sofrido um assédio perto da escola: quando respondi ao agressor com um gesto, ele reagiu mais agressivamente ainda e fiquei com muito medo pois ele tinha me visto com uniforme e eu sempre passava naquela viela para ir embora. Desde então, passei a percorrer o caminho acompanha-

da ou um alternativo, que era mais longo. Mas divulgar nas salas uma oficina de autodefesa não estava no contexto da escola. ‘Ainda se tivesse a ver com alguma matéria’, e eu respondi que estávamos estudando anarquismo em filosofia, sociologia, história e geografia, no entanto ela simplesmente me pediu para conversar com o único professor que não estava presente naquele dia. Bom, eu realmente estava sendo muito inconveniente... Pensei em passar nas salas de qualquer forma, mas só ia conseguir em uma das salas antes da inspetora me barrar, então cheguei irritadíssima na minha sala e comentei com a professora e a turma. Depois, busquei mais apoio com um outro professor e decidi: fui até o refeitório, já era intervalo, subi numa mesa e falei acalorada. Divulguei a oficina, falei mal das autoridades, algumas pessoas gravaram, todos aplaudiram e, naquela comoção geral, vários elogios. Na oficina, foram 2 amigas. Na semana seguinte, nem houve repercussão, preferiram apenas abafar tudo e logo todos esqueceriam – dito e feito: mais uma semana onde nada acontece no lugar onde nada deve acontecer.

Nesse 3º ano de 4 salas não éramos nada unidos. Ainda briguei com meus colegas por questões envolvendo a festa junina, trabalhos práticos, a gincana e o SARESP, boicotando integralmente todas essas avaliações e compondo

novamente minha minoria (de um par de alunos); houve umas três viagens de formatura, cada uma com grupinhos estabelecidos; e uma tentativa de repetir a atividade feita dois anos antes sobre voto e questionamento do sistema representativo foi simplesmente barrada, no contexto das eleições para governado do estado, nas quais o presidente do Serviço estava concorrendo.

O que havia de pouco mais subversivo sempre tinha as devidas autorizações e validade marcada. Com os 50 anos do golpe, que constava na apostila, se me lembro bem, como ‘revolução’ (ou era referente a 1930, mas o efeito é quase da mesma gravidade), estávamos tendo aula de artes com um professor bem diferente e fazíamos atividades de intervenção muito bacanas, como grafites e lambe-lambes nos muros da escola. Só para dar uma ideia da outra professora, ela tinha pedido um último trabalho para fazermos releituras de uma pintura e eu queimei o meu numa bandeja em casa e filmei. Mostrei para a galera. Fechando o parêntesis, meu lambe-lambe no muro foi uma faixa de manifestação onde se lia ‘a FIESP financiou a ditadura civil-militar’, mas não ficou por muito tempo.

De qualquer forma, em meio aos vários incentivos frustrados à organização, tanto por negativas da coordenação quanto pelo não apoio ou participação dos estudantes, essas re-

sistências continuavam ocorrendo. Na semana da viagem para Porto Seguro, por exemplo, uns professores puxaram cinedebates e rodas de conversa sobre revolução mexicana, zapatismo, partidos políticos brasileiros e ditadura, etc.; dinâmicas de ‘aula’ que se repetiriam na semana de apresentação das monografias, onde outros anos não foram liberados para nos assistir, mas alguns cabularam mesmo assim e se estabeleceu um diálogo bem produtivo sobre os diversos temas – o meu sendo sobre Cinema Anarquista e de Periferia, me utilizando bastante da experiência do GECA – Grupo de Estudos de Cinema e Anarquia da Biblioteca Terra Livre. E, mais uma vez, uma fala acalorada:

“No festival de música da escola, este ano ressuscitado pelo Centro Cultural da unidade (ainda bem) e inicialmente organizado pelos alunos por meio de um grêmio horizontal já morto - que é assunto para outra história -, me apresentei com alguns professores e amigos, e falei um pouquinho antes de começar [sobre como eu tinha sede de liberdade, em resposta a um desenho exposto que perguntava ‘qual sua sede?’, e como eu acreditava que um dia a Liberdade ia nascer junto com o sol e as escolas não iam parecer prisões. Foi um prelúdio para a apresentação da canção ‘Psycho Killer’ do Talking Heads e eu disse que me identificava com o psicopata da mú-

sica, porque depois daquele último ano, queria correr pra bem, bem, bem longe e esperava que ao longo dos três anos de Ensino Médio eu tivesse enfiado algumas facas no corpo de uma instituição vermelha, branca e preta, finalizando com um apelo para as turmas que viriam para não deixar essa iniciativa morrer, de festivais artístico-culturais dentro da escola].

Fernanda e Camila, como eu, boicotaram o SARESP no dia 11 de novembro [eu estava aproveitando o Colóquio sobre o Bakunin], o primeiro dia de aplicação da prova que avalia o rendimento escolar da rede estadual de São Paulo. Após a prova, que tomaria meio turno, ocorreria o ensaio da peça de teatro que apresentaríamos na semana seguinte - que também dá caldo pra outra história -, ensaios esses muito importantes para nós. Uma delas foi ensaiar e foi impedida de continuar por não ter feito a prova. A outra foi submetida a discursos moralistas e chantagens emocionais. No outro dia, para tal objetivo, as duas foram fazer a prova. Elas sabem de que jeito...

O SARESP é uma prova de múltipla escolha, conhecida entre os alunos por ter um caráter de ranqueamento, já que as questões variam entre muito fáceis, fáceis e médias, premiando escolas e castigando outras, por meio do corpo docente e coordenação, que, por sua vez, jogam essa pressão sobre nós, alunos [adivinhem com que recurso].

O discurso é que, no ano seguinte, utiliza-se o resultado da prova para preparar o currículo das próximas turmas e sanar as dificuldades diagnosticadas. O contra-argumento é que estatísticas melhoram sim a educação, mas aquela que é adestramento, senão para ingressar numa faculdade pública e qualificar mão-de-obra intelectual em longo prazo, aquela que é para formar a mão-de-obra manual em curto prazo - cá entre nós, não dá pra todo mundo ser patrão e o bom Deus do Capital sabe disso, assim como o Senhor Skaf.

Falando de todas essas coisas como Centro Cultural, teatro, festival de música, sem falar do clube, das piscinas e da biblioteca que existem nessa unidade em que estudo (por mais alguns dias), alguns podem virar e falar: “uau, mas na minha época nem isso eu tinha na escola”, ao que eu respondo com: a democratização/massificação da cultura e lazer nas escolas, a começar pelas privadas, é inútil se tiver um cunho de vulgarização do conhecimento, pois de nada adianta conhecermos Guarniere, Homero, Tim Maia, Machado de Assis, se for de uma forma mecânica, vomitada e sem reflexão alguma, sendo meramente instrumentos para uma acumulação de informação que te permita trabalhar em áreas que necessitam de profissionais hoje, como ser de alguma forma ‘melhor explorado?..’

Realmente corri para bem longe, boicotando também, só para variar, a formatura e todas as suas convenções sociais duvidáveis e nesse quesito minha minoria ficou um pouquinho maior. Assim, a luta continua: a liberdade não é quando você é livre pra escravizar o outro, ela é coletiva e conjunta, e essa ideia só é passada pela educação. Sei que a minha professorinha de matemática do fundamental pediu, ao se aposentar, que eu não virasse aquelas maloqueiras que chegam no 3º ano desvirtuadas, mas creio que hoje temos valores muito diferentes mesmo e por mais que eu acredite que tenha cutucado um pouco, não tem como cativar todo mundo, as injustiças desse mundo simplesmente não comovem algumas pessoas.

Chegando, então, ao verdadeiro balanço, depois de tentar deixar o leitor a par da minha experiência e esclarecendo meu lugar de fala, compreendo

que o ensino formal não é neutro e pelo contrário tem objetivos claros, no meu caso, formar mão de obra para indústria. Nos espaços que frequentamos, temos que representar um discurso contra hegemônico, um ponto de resistência, encabeçando várias pequenas mudanças, fazendo aquele trabalho de formiguinha. Por fora, temos que criar espaços – e fortalecer os que já existem, como grupos de estudos e cursinhos populares – onde possamos experimentar a pedagogia libertária, o autodidatismo, a horizontalidade e o apoio mútuo, construídos a partir da possibilidade e da vontade de cada um.

O sistema oferece brechas e quem faz a escola são as pessoas dentro dela. O problema está na instituição, seja estatal ou privada. Não queimemos (todas) as escolas, mas, na condição de inseridos, façamos um barulho ordinário!

Giu, na oitava série um professor a apresentou ao anarquismo e à Biblioteca Terra Livre e ela vem militando desde então. Se interessa por cinema e vai começar a cursar o ensino superior na área.